

## Bahia/anos 20 - cinema: fator de integração

Loreta Valadares

A Bahia de outr'ora, agora.

Leitura de Artes & Artistas, uma revista de cinema da década de 20

*Angeluccia Habert*

Salvador: Academia de Letras da Bahia/Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2002, 207 p.

O que significou o advento do cinema na Bahia? Como a nova tecnologia de linguagem influiu nos costumes, nas tradições, no gosto artístico, na vida do povo da província da Bahia? Que mudanças provocou no movimento intelectual e na cultura baiana? Como se deu o “diálogo” teatro/cinema nos hábitos culturais da cidade? E mais ainda, qual o significado do cinema como nova arte? Com que categorias trabalha? Quais suas raízes conceituais? É o que procura analisar Angeluccia Bernardes Habert, professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, mestre em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, em seu recente livro *A Bahia de outr'ora, agora. Leitura de Artes & Artistas, uma revista de cinema da década de 20*.

Com este sugestivo título, a autora recria a atmosfera cultural e o imaginário da Bahia do início da década de 20 sob o forte impacto causado pela introdução do cinema na vida provinciana de uma cidade de profundo senti-

mento religioso, com grande apego às tradições, e que vivenciara (e perdera) o esplendor de ser a capital da colônia, em um momento em que o desenvolvimento das forças produtivas e a irrupção da grande indústria no país desbravavam a passagem das representações culturais antigas para modernas, condições históricas que propiciariam o surgimento de movimentos revolucionários como a Semana de 22.

É um momento de transição cultural, onde se misturam elementos, como em toda transição, mas que, no entanto, toma ainda “como referência a cultura clássica - branca, européia e civilizada”. Um momento em que a cidade passa por transformações que a deslocam de uma “Bahia heróica - antiga e religiosa - para a Bahia moderna (elegante e chique)”. Um momento em que o cinema aparece como um novo veículo, modificador de relações sociais e das formas de interação dos indivíduos com a cidade, uma nova linguagem, introdutora de representações modernas, com poder decodificador e capaz de, veloz e simultaneamente, atingir as “grandes massas”.

O registro histórico dessa transição e dessas mudanças, feito pela primeira revista de cinema da Bahia, Artes & Artistas, editada entre 1920 e 1924 por força da intrepidez e da capacidade de vislumbrar o futuro de Arthur Arezio da Fonseca, “tipógrafo, gravador, jornalista, autor” - visto pelo arguto olhar de Angeluccia em seu livro (originariamente, tese de doutorado, defendida em 1993, na USP) - ganha vida e movimento, luz e cores, cortes e continuidade, ação e pausa, construído quase como um “processo de montagem cinematográfica” (reflexo da própria estrutura da revista), formando um texto ágil, coerente e harmônico.

Das páginas do livro vemos emergir mudanças na estrutura da cidade, o alargamento das ruas, a urbanização de praças, a construção de avenidas. Há uma evocação da Bahia, no livro, encantadora e viva ao mesmo tempo, que nos traz as imagens da antiga Igreja da Sé (e os prenúncios da polêmica que acabaria por levar à sua demolição em 1933), da construção e inauguração da estátua de Castro Alves, na praça, (1921), da Avenida 7 e seu papel integrador, do movimento da rua Chile, do Largo do Pelourinho. Registram-se os pontos da cidade mais conhecidos e vemos surgir uma nítida divisão social da cidade, com seu espaço do Centro, urbano e elegante, e os bairros interiores “camuflados por uma sucessão de roças e chácaras.... onde moravam.... os ausentes da praça”. Destacam-se elementos constitutivos da vida noturna da cidade, a formação do gosto e dos hábitos culturais, as diferenças entre o teatro e o cinema e o processo que leva ao predomínio deste último. Podemos quase visualizar os grandes teatros - o antigo São João, o Polytheama, o Guarany - e sua luta pela renovação e sobrevivência. Aparecem, também, o Olympia, o Jandaia, o Lyceu.

Através da leitura que Angeluccia faz da revista Artes & Artistas, podemos seguir o movimento dos espetáculos teatrais e a apresentação de filmes nos principais cine-teatros da Bahia nos primórdios dos anos 20. Cuidadosa escolha de críticas a alguns espetáculos teatrais e de cinema, com suas programações, descrição dos enredos e temas, biografias dos artistas e diretores etc., permite-nos obter mecanismos para acompanhar a intensidade da vida cultural, a ebulação provocada pelo cinema, as repercussões no imaginário.

Mas não se trata somente de um resgate histórico documental visto através de um meio, o cinema, nem o ponto de vista historiográfico de uma Bahia em movimento de transição cultural. Isto, por si só, já daria dimensão de valor ao livro. No entanto, Angeluccia, em seu livro, vai muito além: discute conceitos como “indústria de consciência”, “cultura de massa”, “produto cultural”, “cultura moderna”, analisa as relações universal/particular no processo de criação literária e artística à luz do desenvolvimento das forças produtivas. Tal exercício, em um esforço quase epistemológico, é feito sob a ótica da dialética do cinema como arte e novo ramo de conhecimento técnico.

Este olhar atualiza o passado e aproxima o futuro, desvendando uma Bahia de outr' ora, agora, que nos situa no presente e revitaliza a memória do passado confrontando o futuro. Irrompem lembranças que nos identificam com tempos e lugares, rostos e figuras, fatos e casos. Particularmente, para mim, foi gratificante reconhecer-me em recordações da autora - amigas que fomos de infância - quando, com amigos, brincávamos “nas ruínas do Polytheama”, “de ser artista de cinema”... “recontando e representando os filmes” e assistindo às “projeções” (idéia de dois amigos da nossa rua) “feitas com rolos de papel desenhados, caixas de madeira e lentes emprestadas”.

Como diz Angeluccia: “todo passado confrontado ganha integridade, encanto, harmonia pacificadora, uma idéia de vida melhor”... e permite “a revelação do passado no presente e do presente no passado”. E nada melhor para ilustrar esta dialética do que as palavras de Marx, nos *Grundrisse*, sobre a arte grega e a sociedade moderna, fazendo uma brilhante relação entre o universal e o histórico: “um homem não pode voltar a ser criança sem se tornar infantil. Mas, acaso não desfruta da ingenuidade da infância, e não deve aspirar reproduzir, em um nível mais elevado, sua verdade? Por que a infância histórica da humanidade, no momento mais belo de seu desenvolvimento, não deveria exercer um encanto eterno, como uma fase que não voltará jamais?”.

*Loreta Valadares é Professora da Universidade Federal da Bahia*